

São Frei Gil (Eça de Queirós): entre a santidade e a “ambição de tudo saber”

Prof. Dr. Antonio Augusto Nery (UFPR)

Resumo:

Durante os primeiros anos da década de 1890, Eça de Queirós empenhou-se na escrita de três vidas de santos. O autor revisitou a história de São Frei Gil, Santo Onofre e São Cristóvão, desenvolvendo ficções que, além de se proporem a relatar acontecimentos de cunho biográfico, muito próximos dos relatos das hagiografias oficiais difundidas pela Igreja Católica, também acrescentou informações que destoam dos detalhes extraídos das histórias relatadas pela Tradição. Denominadas como *Vidas de santos* ou *Lendas de santos*, as narrativas queirosianas foram coligidas por Luís de Magalhães no volume póstumo *Últimas páginas* (1912), de onde as conhecemos hoje. Neste trabalho analisarei aquela que é tida como a primeira das *Vidas* ou *Lendas de santos*, *São Frei Gil*, procurando demonstrar que na revisitação feita por Eça à vida deste santo português medieval, temos presentes diversos elementos da crítica social veiculada em obras anteriormente publicadas pelo autor, fato que problematiza a falsa impressão de que as *Vidas* ou *Lendas de santos* estão desvinculadas do discurso crítico que consagrou Eça de Queirós como um dos maiores escritores do Realismo em Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Eça de Queirós, *São Frei Gil*, *Vidas* ou *Lendas de Santos*.

Durante os primeiros anos da década de 1890, Eça de Queirós empenhou-se na escrita de três vidas de santos. O autor revisitou a história de São Frei Gil, Santo Onofre e São Cristóvão, desenvolvendo ficções que, além de se proporem a relatar acontecimentos de cunho biográfico, próximos dos relatos das hagiografias oficiais difundidas pela Igreja Católica, também acrescentou informações que destoam dos detalhes extraídos das histórias relatadas pela Tradição.

Denominadas como *Vidas de santos* ou *Lendas de santos*, as narrativas queirosianas foram coligidas por Luís de Magalhães no volume póstumo *Últimas páginas* (1912), de onde as conhecemos hoje.

Jaime Batalha Reis, no final da introdução que escreveu em 1903 para a publicação póstuma *Prosas bárbaras*, na qual estão compilados os primeiros textos ficcionais produzidos por Eça, expõe que em um dia de verão de 1891, em uma clareira da floresta de Saint – Cloud, perto de Paris, Eça teria lhe confessado que naqueles idos escrevia histórias de santos e, especificamente naquela ocasião, estaria se dedicando à biografia de São Frei Gil.

Já no trecho de uma carta enviada a Eduardo Prado, no dia 29 de maio de 1892, Eça também deixa explícito que estava interessado em adquirir informações sobre genealogias e vidas de santos. Ao menos é isso que fica nítido na declaração que ele faz ao amigo sobre as leituras que realizava: “à noite leio genealogias e hagiológicos” (QUEIRÓS, 1967, p. 258).

O crítico Jaime Cortesão, em sua pesquisa sobre a *Vida dos santos*, propõe que a escrita de *São Frei Gil*¹ e *Santo Onofre* foi realizada entre 1891 e 1893. A vida de *São*

¹ Doravante SFG nas referências de citações. Todas as menções à narrativa referem-se ao volume: QUEIRÓS, Eça de. *Últimas páginas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945.

Cristóvão, por ter sido escrita mais lentamente, provavelmente fora desenvolvida entre 1894 e, mais tardar 1897 (cf. CORTESÃO, 1949, p. 119).

As datas propostas por Cortesão, mesmo sendo imprecisas, são as que até hoje figuram como mais procedentes, embora algumas leituras críticas afirmem outras datações que acabam sendo muito próximas das defendidas pelo autor. Jaime Cortesão propõe que Eça somente não teria publicado as vidas de Gil, Onofre e Cristóvão porque acreditava não tê-las concluído (cf. CORTESÃO, 1949, p.124).

O primeiro santo que teve sua vida relatada por Eça foi São Frei Gil.

Antes e depois de Eça, outros escritores revisitaram a vida de Gil de Valadares, cito dois como exemplo: Almeida Garrett (1799-1854), em *Viagens na minha terra* (1846), transcreve quase que literalmente parte do prólogo do *Fausto* de Goethe para remeter à figura de São Frei Gil e, ao resgatar um mito nacional, expõe seus projetos nacionalistas; Teófilo Braga (1843-1924) publica sua visitação *S. Frei Gil de Santarém* em 1904, nela dá ênfase a aspectos da cultura e da identidade portuguesa, transparecendo também certo sentimento nacionalista.

No caso da releitura operada por Eça não fica aparente qualquer intento nacionalista, porém, segundo Cleonice BERARDINELLI (2002, p. 243-244), *São Frei Gil* será o santo “de Eça” do qual mais reminiscências históricas concretas podem ser encontradas. Para a crítica, Eça inspirou-se na história de Gil Rodrigues de Valadares, que nasceu entre 1184 e 1190, em Vouzela, e faleceu em 1265, em Santarém. Gil de Valadares era proveniente de família abastada, ligada à corte, estudou filosofia e teologia em Portugal e medicina em Paris. De acordo com os relatos históricos tradicionalmente difundidos em Portugal, o santo chegou a firmar um pacto com o demônio com fins de adquirir sabedoria plena, mas, após duas visões místicas que o convidavam à penitência, converteu-se ao Cristianismo, tornando-se frei dominicano.

De fato, conforme Berardinelli aponta, tudo indica que Eça, de fato, tenha se aproveitado do tema histórico para desenvolver o seu “curioso” São Frei Gil. Cabe mencionar que a ficção queirosiana termina inconclusa, com apenas um plano de trabalho não muito linear encontrado sobre o que seria a estrutura geral do texto e apontando para o possível desfecho da narrativa.

A narrativa principia expondo que Gil era proveniente de uma família de senhores feudais do reino de Gómfalim, muito religiosa. Seus pais são ilustrados como pessoas tementes a Deus e que tudo relegam à Providência divina, creditando ao Todo-Poderoso o seu reino e vivendo em uma atmosfera de sossego e paz.

A única agitação na descrição inicial da família Valadares se dá somente na ocasião do nascimento de Gil. Cercado por alguns acontecimentos sobrenaturais, como os que acontecem no batizado e quando dá os primeiros passos, Gil possui elementos divinizantes desde o nascimento. Ele cresce demonstrando uma personalidade sábia, caracterizando-se ora como curioso, ora como insatisfeito com a realidade que o cerca, ao que Frei Múnio, o abade do local, pressagia: “Neste menino há maravilha (...) admiravelmente sensível e bom (...) Frei Múnio antes via nele os prenúncios de uma caridade que ilustraria a Igreja” (SFG, p. 292; 294).

A curiosidade irá configurar-se como grande motivo na vida de Gil. Ainda criança sua descrição aponta para um intenso desejo de tudo conhecer, a começar pela “velha morada senhorial”, onde não havia “recanto que ele não tivesse rebuscado, no impulso irresistível de tudo saber” (SFG, p. 292). Além das descobertas práticas, Gil cresce descobrindo também um mundo ficcional advindo das histórias dos in-fólios do perspicaz Frei Múnio, seu alfabetizador.

Passada a fase da primeira infância, Gil, com oito anos, começa a alfabetização,

sempre desejando não somente acumular conhecimentos como também aprofundar suas descobertas, demonstrando uma “curiosidade temerária que tudo queira compreender, até a ordem da natureza” (SFG, p. 297).

A narração do incessante desejo do protagonista em adquirir conhecimentos, durante a infância e juventude, é interrompida apenas para o relato do episódio em que o jovem começa a conviver com a pobre pastora Solena, personagem que terá papel fundamental para o desenvolvimento de dois pontos interessantes na personalidade de Gil. O primeiro, o sentimento da paixão, e o segundo, o despertar da doação de Gil em favor dos fracos e oprimidos.

O amor de Solena e Gil é puro e romântico, mas, inusitadamente, ele é interrompido pelo desaparecimento misterioso da pastora. Gil, junto com cavaleiros de sua corte, sai em busca da amada, sem sucesso. O fato de não encontrar Solena suscita no santo o desejo de tornar-se um “forte e destro cavaleiro” que lutaria pelos desamparados. A confirmação do desejo aconteceu depois de uma visão em que Gil, após ver Solena em uma torre enclausurada, “Vira Jesus Nosso Senhor, de repente, que sorrindo, lhe oferecia uma espada, mais clara que um diamante” (SFG, p. 315)

Embora muito rapidamente desista desse intento para se dedicar novamente aos estudos, esse episódio será interessante para se notar o ideal de santidade de Gil, que se aproxima, e muito, dos outros santos de Eça, Onofre e Cristóvão, configurando, por assim dizer, o ideal de santidade que se pode impingir a todas as “hagiografias” de Eça, qual seja, o da doação pelos mais necessitados e marginalizados e a decisão de lutar em prol dos oprimidos e de uma sociedade mais justa.

A quietude do reino de Gomfalim faz Gil concluir que o local não comportaria as práticas justiceiras de um cavaleiro andante, porém, o desejo de dedicar-se aos mais necessitados se constitui, a partir desse episódio, como característica marcante do rapaz. Prova disso será a nova atividade a qual Gil pretende se dedicar. Ao aproximar-se de Mestre Porcalho, antigo conhecedor das práticas naturais que faz as vezes de médico do reino, Gil ficara “devorado” pelo conhecimento que o velho tinha das ciências físicas e biológicas, pois, “Nenhum poder humano lhe parecia mais alto do que aquele que suprime as dores, luta com a influência do invisível e vence a morte” (SFG, p. 321).

Impulsionado pela imensa curiosidade, Gil interessa-se em adquirir os conhecimentos de Porcalho e dedicar-se ao estudo da medicina, com um objetivo meritório: colocar os conhecimentos apreendidos a serviço do próximo: “Se era belo e grande tomar armas e ir pelo mundo livrar os homens dos males que os homens lhes fazem, quanto maior e mais belo libertar o pobre corpo dos males infinitos que lhe faz a natureza!” (SFG, p. 321)

É também durante essa etapa que o interesse em colocar-se a serviço pelos seres humanos começa a exceder os habitantes da pequena Gonfalim para dirigir-se para os homens de todo o mundo, outra característica que coincide com Onofre e Cristóvão, os quais também desejam ajudar a todos, ou o “universo”, como explicitamente pode-se constatar na parte final da vida de Cristóvão (QUEIRÓS, 1945, p. 174).

Por outro lado, o leitor começa a perceber que Gil possui algumas atitudes que poderiam estar voltadas para uma espécie de debilidade humana, que, tal qual Onofre, irá acompanhá-lo em sua caminhada de santidade. Como se pode notar, a curiosidade é a marca registrada de Gil e, por vezes, ela toma contornos de uma ambição desmedida que vai além de um simples desejo de conhecimento para o bem comum.

A partir da vontade de estudar medicina, pode-se perceber isso sobremaneira. Ao mesmo tempo que o jovem demonstra ter os objetivos louváveis de partilhar seus conhecimentos com os mais necessitados, também começa a revelar que a sua “fome” de

saber está ligada a uma satisfação própria e egoísta. O conhecimento físico e biológico sobre os seres humanos, adquiridos com Mestre Porcalho, levam-no a querer conhecer mais de tudo, todos e, inclusive, desvendar os mistérios de Deus:

Do homem, de quem o velho Físico lhe explicara os ossos, ele bem depressa quis conhecer a alma, e as leis múltiplas e maravilhosas que as regem... (...) E do homem, a sua curiosidade ascendia ao Deus que o criara. Qual era a sua essência, onde habitava, que cuidado tinha ele pela humanidade que criara? – E assim, este moço gentil, a quem a barba mal nascera, aspirava a percorrer todas as Ciências, a compreender todo o Ser (SFG, p. 325)

Cabe mencionar que na história de Gil, Deus não é ilustrado como Verdade absoluta e inquestionável, como se poderia esperar de uma hagiografia tradicional, pelo contrário, paira como uma inquietação, como algo a ser compreendido tal qual os seres humanos.

Nisso tem-se mais uma aproximação com as vidas dos outros santos de Eça. Na verdade, tais inquietações e dúvidas com relação a Deus, de um modo geral, poderiam ser circunscritas nas diversas inquietações do homem no final do século XIX, fato que além de explicitar o teor crítico das *Vidas de santos*, também expõe o quanto o teor dessas histórias diferem da maioria das hagiografias, tradicionalmente difundidas pela Igreja Católica, nas quais o Todo Poderoso é sistematicamente exaltado e louvado.

Voltando à narrativa, o desejo de conhecer os mistérios da medicina começou a despertar em Gil a necessidade de sair do reino de Gonfálim em busca de novos lugares onde pudesse aprimorar seu conhecimento, pois o saber adquirido ali tinha chegado ao limite. A biblioteca dos beneditinos já não era suficiente com seus trinta e três livros já lidos, os mestres com os quais convivera também já não podiam contribuir para seu crescimento intelectual. Toda a impossibilidade de saciar seus intentos gera em Gil uma angústia:

E o seu espírito recaía naquela ambição vaga que o torturava, a ambição de tudo saber, de se elevar, pela posse dessa ciência, acima dos homens, e exercer essa supremacia toda em favor e bem dos homens. Queria ter um saber que lhe permitisse fazer as leis mais justas, curar todos os males do corpo, enriquecer as multidões, estabelecer a paz entre os Estados, e guiar os seres vivos pela larga estrada do céu. Para tal fim, só para ele valeria a pena viver. E, para o conseguir, não haveria trabalho a que não se sujeitasse, fadiga que não afrontasse (...) Mas esta ambição, como realizar? Onde, como adquirir esse saber benéfico? E quando o tivesse adquirido, de que modo fazer que ele aproveitasse aos homens, para se tornarem melhores, e serem aliviados dos males da vida? (SFG, p. 327)

Como transparece na citação, o desejo de crescer intelectualmente configura-se na vida de Gil como uma ambição. É inegável que no ideal percebe-se muitos elementos cristãos, seu anseio parece ser movido por isso. Porém, há se ressaltar que Gil, como sendo o primeiro santo descrito por Eça, também poderia ser compreendido como o primeiro a veicular a peculiar mensagem queirosiana de santidade de que para ser santo é necessário exclusivamente que o homem demonstre ter em sua vida ação e reação diante da realidade que o cerca.

A contemplação e uma vida espiritual arduamente vivenciada, elementos exaltados em algumas hagiografias e nos discursos católicos como condições primordiais para um (a) santo (a), são nas ficções “hagiológicas” de Eça, rechaçados e criticados como ações que ao invés de atrair a santidade, propiciam ao indivíduo sofrimentos e angústias, além de não gerar qualquer benesse para as necessidades da sociedade que o cerca.

Diante da angústia de se ver limitado na terra natal, Gil decide partir de Gonfálim em busca da ampliação de conhecimentos. Após esse ponto da narrativa, os acontecimentos que se sucedem começam a ficar circunscritos ao campo da suposição, pois é a partir daqui que a personagem do diabo começa a figurar na narrativa, “confundindo” o leitor sobre os possíveis rumos da história de Gil.

Bem ao gosto medieval, Satanás aparece personalizado em pessoas que a narrativa sugere ser Satanás através de certas características pelas quais Lúcifer foi desde sempre conhecido. A primeira aparição se dá em uma montanha, quando Gil reflete sobre ir ou não em busca de novas terras para estudar. Um jovem muito pobre aparece ao santo e, coincidentemente, possui o mesmo desejo de ir em busca de novas paragens. Seus discursos versam sobre as dificuldades que limitavam sua viagem, mas que o não fizeram desistir de seu sonho. Gil sente-se impulsionado a viajar depois da conversa, pois, diferentemente do rapaz, ele tinha tudo e não teria tantas dificuldades na viagem. O jovem fora para ele um exemplo.

O leitor somente percebe que há algo de errado com o jovem quando a narração trata da despedida dos dois: “A meio da encosta [o jovem] ainda se voltou, acenou com a mão a Gil – e subitamente desapareceu. No chão, em que os seus pés se tinham pousado, a erva secara toda” (SFG, p. 333). Em outra passagem, já quando Gil viaja em busca do seu ideal de ampliar conhecimentos, depois de uma longa caminhada estafante, ele e seu escudeiro Pero Malho encontram uma floresta, uma espécie de oásis, onde podem descansar e se alimentar. Neste ermo eles se deparam com duas inusitadas figuras, um certo Harbrico e o seu amo Senhor de Astorga, os quais, pelas descrições, não fica difícil ao leitor saber quem sejam. Os detalhes são percebidos pelo companheiro de Gil, Pero Malho:

[Pero malho] considerava o Senhor de Astorga com assombro e desconfiança (...) Com os dedos gordos, que findavam em unhas muito agudas e curvas (...) Era sobretudo aquele tufo de cabelo erguido na testa, como uma crista flamante, que o inquietava. E que alforge era aquele que continha, na sua estreita bolsa, bacias de prata, bragais de linho fino, toda a hucharia de uma mesa real, e tapizes de rico samite? E onde houvera mais coruscante olhar, negro como fendas do inferno, do que aquele do estranho Harbrico? O bom Pero coçava o queixo, com um desejo, que o invadia, de gritar de repente, por sobre o fidalgo, o escudeiro e os alforjes, o nome afugentador de Jesus, Maria e José. (SFG, p. 345 – 346)

A história de Gil termina inconclusa depois do encontro com esses seres, mais exatamente após o santo adormecer tão logo come o banquete previamente e luxuosamente ofertado pelo Senhor de Astorga, sonhar com uma luxuriosa mulher e acordar pronto para retornar à viagem.

Jaime Batalha REIS (1945, p. 53), na introdução das *Prosas bárbaras*, explicita que Eça teria lhe ditto, na conversa que tiveram em 1891, que deixara o santo “inconcluso” na floresta:

(...) dir-to-ei agora aqui quando justamente nos achamos sob os arvoredos, - que a nossa riquíssima língua portuguesa me parece deficiente em cores com que se pintem selvas; - e também te confiarei que, tendo metido, por minhas próprias mãos o santo bruxo numa floresta, não sei como o hei-de tirar de lá.

Ainda em carta a Silva Pinto, datada de 29 de maio de 1897, Eça faria a mesma afirmação acerca da história inconclusa de *São Frei Gil* (cf. QUEIRÓS, 1961, p. 247)

Eu disse que a compreensão da história do santo entra no campo da suposição após a decisão da viagem de Gil e o concomitante aparecimento da figura do diabo, além, é claro, pelo repentino fim do manuscrito. Em meu ponto de vista, essas suposições podem remeter a dois sentidos. O primeiro, de que Gil de fato tomara uma decisão que muito mais favorecia seu orgulho, que propriamente a coletividade a quem ele almejava servir, fazendo com que o diabo se deleitasse em tentá-lo, incentivando-o a partir e, logo depois, ajudando-o com prazeres alimentares e libertinos durante a viagem. O segundo sentido é que verdadeiramente Gil estaria tomando uma decisão santa na busca pelo conhecimento em favor dos homens e que, justamente por isso, estava sendo tentado, desde o momento em que se decidira pela empresa, a dissuadir-se ou simplesmente iniciar equivocadamente o percurso rumo a seus objetivos santos.

No manuscrito do plano de trabalho, publicado geralmente em anexo nas várias edições das *Últimas páginas*, se pode ter alguma indicação de como ocorreria o desenrolar da história de Gil, todavia, crer que Eça seguiria o prospecto à risca é uma opção que, de saída, pode ser colocada em xeque, pois, já as informações que são indicadas no documento como indicações para a construção inicial da narrativa, destoam muito do que realmente Eça escreveu.

Naquilo que se tem exposto no manuscrito, após o episódio da floresta, Gil venderia a alma para o diabo, usufruiria todos os benefícios advindos do Diabo e depois, cansado e frustrado, decidiria desfazer o pacto, dedicando-se ao serviço de uma criança e de um velho. O pacto é desfeito com a ajuda da Virgem Maria. Gil morre santo, enclausurado em um convento conseguindo favores da Virgem Maria. Reitero, entretanto, que esses apontamentos provêm de um plano de trabalho que já de início parece não ter sido seguido à risca.

Se considerarmos isso, no entanto, como desfecho oficial da trama, teríamos aqui a principal diferença entre a história de Gil e a rápida ligação que se poderia fazer com o mito faústico, principalmente com a retomada deste por Goethe (1749-1832) em seu *Fausto* (1808/1826), todavia, é inegável que mesmo havendo a previsão da conversão, tal qual a tradição portuguesa difundiu, ao desejar buscar novas terras onde pudesse elevar o conhecimento e saciar sua sede por sabedoria, o Gil queirosiano estabelece uma clara alusão aos princípios individualistas que começaram a ser difundidos sobremaneira no final do século XVIII e que se queriam estabelecidos a esta altura do século XIX - princípios estes propalados de maneira avultante pela história goethiana.

No que diz respeito especificamente ao lugar ocupado *São Frei Gil* na totalidade da obra de Eça de Queirós, ousa inferir que mesmo terminando inconclusa, o protagonista sendo ou não tentado por Satanás, vendendo ou não sua alma para ele em ligação direta com o significativo mito fáustico, a história de Gil está em sintonia com o ideal de santidade que Eça parece sugerir nos seus escritos derradeiros.

São as mesmas mensagens encontradas em *São Cristóvão* e *Santo Onofre* de que a perfeição pessoal e “santa” está em servir a causa dos menos favorecidos e que o amor próprio e o orgulho constituem-se obstáculos para a vida religiosa “ideal” de devotamento

ao próximo.

Referências Bibliográficas

- BERARDINELLI, Cleonice. Apresentação e Notas Introdutórias. In: *Vidas de santos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 07-244.
- CORTESÃO, Jaime. *Eça e a questão social*. Lisboa: Seara Nova, 1949.
- QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência*. Porto: Lello e Irmãos, 1967.
- _____. *Últimas páginas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945.
- REIS, Jaime Batalha. Na primeira fase da vida literária de Eça de Queiroz. In: QUEIRÓS, Eça de. *Prosas bárbaras*. Porto: Lello e Irmãos, 1945e. p. 5-53